

Sobre a bibliografia pesqueira no Brasil (1930 a 1980): temas, autores e suas preocupações¹

Dauto João da Silveira*

SILVEIRA, D.J. Sobre a bibliografia pesqueira no Brasil (1930 a 1980): temas, autores e suas preocupações. R. Museu Arq. Etn. 30: 161-174, 2018.

Resumo: Este artigo versará, fundamentalmente, sobre o crescimento da produção bibliográfica brasileira no século XX, as primeiras temáticas, os autores mais relevantes e suas preocupações com o mundo da pesca artesanal. Partimos do pressuposto de que o aguçamento das contradições do mundo da pesca produziu uma forma de consciência que resultou em trabalhos científicos e críticos sobre os pescadores artesanais. É digno de nota, nesse mesmo contexto, o crescimento das instituições e núcleos de pesquisa no final do século XX. Fizemos uma pesquisa histórica bibliográfica nos anais e registros de institutos e universidades e nas produções avulsas do período. Foi possível perceber que boa parte das análises, durante a primeira metade do século, tratava da temática dos pescadores de forma secundária, ou seja, a preocupação era com os povos vulneráveis e, nesse contexto, surgiam os pescadores.

Palavras-chave: Pescadores artesanais; Produção bibliográfica; Lutas sociais; Emancipação; Política.

Introdução

O tema das lutas emancipatórias do pescador artesanal tem um significado todo especial atualmente. Se não bastasse a desvalorização material a que estão submetidos, há ainda um aviltamento colossal

penetrante. Em boa verdade, encontramos essas duas expressões circunscritas ao *modus vivendi* dos povos vulneráveis em qualquer canto do mundo, mas no Brasil a compreensão que temos é que para esse grupo social de desconhecidos singulares, cuja preterição sempre foi tão latente, o fortalecimento dessas lutas ganha outra coloração social.

No Brasil, podemos afirmar, ainda que soe estranho, que a emancipação desses povos goza de uma longa tradição na “sociologia autônoma”. É possível identificar uma preocupação teórica nas obras de Sylvio Romero, Euclides da Cunha, Azevedo Amaral, Alberto Guerreiro Ramos, Caio Prado Jr. e Álvaro Vieira Pinto.² Ainda que essa

* Doutor em Sociologia e Professor de Teoria Política da Faculdade Ielusc (Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc). <dautojs@gmail.com>

¹ Este artigo é parte constitutiva da pesquisa doutoral realizada no ano de 2016 pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Essa abordagem faria parte do capítulo IV da nossa tese, mas por questões metodológicas, ou melhor, de redução sociológica, resolvermos separá-lo do conteúdo do trabalho final. Como se trata de uma temática pouco explorada no terreno dos trabalhos de pesca artesanal, a publicação em forma de artigo fez-se necessária.

² Não aprofundaremos a discussão sobre o papel das lutas emancipatórias na obra desses autores. O nosso

lista não termine nesses autores, e tampouco haja uma unidade teórica entre eles, não é equivocado extrair dela um grau de preocupação importante com a desnecessidade desses sujeitos para as relações burguesas. Em outras palavras, o que está claro, para esses autores, é o evidenciamento da singularidade diante da universalidade capitalista. Os fundadores da “sociologia autêntica brasileira”, boa parte deles banhada pelo horizonte marxiano, revelamos a importância das lutas sociais enquanto forma de superação do pauperismo. Portanto, se assim o era, é possível afirmar, dado o aguçamento das contradições da sociedade capitalista na atualidade, que tal importância ultrapassou a premência revelada, uma vez que a característica marcante dos dias atuais é a impossibilidade de os homens em geral, assalariados e capitalistas, se reproduzirem sob o manto das relações burguesas.

A formação da consciência crítica dos povos oprimidos em geral, e dos pescadores artesanais em particular, está associada ao grau de desenvolvimento da sociedade capitalista, razão pela qual, nos últimos 30 anos, ganharam notória importância enquanto objeto da sociologia. Uma consistente forma de observar a evolução da temática sociológica pesqueira, mas não só, é olhando os caminhos das produções bibliográficas ao longo do século XX, ainda mais se aproximarmos tais caminhos à complexa organização de instituições sociais e à crescente produção de trabalhos teóricos.

Este artigo versará, fundamentalmente, sobre o crescimento da produção bibliográfica brasileira no século XX, as primeiras temáticas, os autores mais relevantes e suas preocupações com o mundo da pesca artesanal.

Produção bibliográfica pesqueira

Se é verdade que a força dos trabalhos de ciências sociais, no que toca à temática da

único objetivo, ainda que seja insuficiente, é mostrar que no interior do arcabouço teórico deles há um elemento evidente de preocupação com a emancipação política dos povos vulneráveis brasileiros.

pesca, se dá mormente no início do século XXI, não é menos verdade que no século anterior esses trabalhos começaram de forma isolada, descrevendo formas empíricas de processos totais da pesca, além de abordagem sobre o modo de vida desses pescadores, e depois foram consubstanciando-se em análises dentro de instituições governamentais nascentes, como é o caso do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) e da Revista Brasileira de Geografia vinculada ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É expressão desses primeiros trabalhos o que foi produzido por Henrique Jorge Hurley, em 1933, no IHGP. Trata-se de trabalhos isolados, alheios a um constructo teórico ou a programas de pós-graduação.

Não é demais ressaltar que até 1950 os escritos que abordavam o tema ora em discussão apareceram também em livros expressivos sobre a realidade brasileira. Nesse sentido, podemos destacar três deles que, ainda que não fossem livros sobre a pesca artesanal ou o modo de vida dos pescadores, mencionavam tal atividade e as contradições em que estavam submetidos os pescadores. São eles: (1) *Populações meridionais do Brasil*, de Oliveira Viana (2005), de 1920, (2) *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, de 1933, e (3) *Sobrados e mucambos*, também de Gilberto Freyre, de 1936. No primeiro livro, os pescadores aparecem enquanto sujeitos que participaram da vida dos grandes domínios territoriais do Brasil Colônia, ou seja, eram parte constitutiva do que Viana (2005) chamou de “povomassa”. Não houve, por parte do autor, nenhuma preocupação em abordar as práticas pesqueiras, os hábitos, os costumes, os modos de produzir a vida etc. No entanto, é um registro histórico desses singulares desconhecidos. Já nos livros de Gilberto Freyre há mais evidência do papel da pesca na medida em que ela aparece enquanto prática dos negros, ou ainda, atividade que sustentava a sua existência. Essa evidência é mais forte no segundo livro, especialmente quando ele está a descrever o processo de crescimento das cidades litorâneas e a vida que levavam os pescadores artesanais, contudo o uso dado pelo autor

não ultrapassa a fronteira da exposição factual desses sujeitos singulares.

Outra forma de entender a evolução dos trabalhos dos homens do mar é observar os nascentes trabalhos que começaram a pulular nas instituições de pesquisa e ensino do Brasil na segunda metade do século XX. Como forma de ossificar o que estamos a defender é oportuno apresentar a classificação que faz Diegues (1999) sobre a abordagem da pesca nas ciências sociais. No terreno das contribuições individuais, podemos dividir os trabalhos em três fases: (1) até 1960, de baixa intensidade; (2) entre 1960 e 1980, de intensidade razoável; e (3) de 1980 aos dias atuais, de intensidade considerável.

Conforme Diegues (1999: 363), na primeira fase podemos destacar, especialmente,

os trabalhos dos antropólogos Pierson e Teixeira (1947), Survey de Icapara: uma Vila de Pescadores do Litoral Sul de São Paulo, e de Gioconda Mussolini, O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião (1945) e O cerco Flutuante: uma rede de pesca japonesa que teve a ilha de São Sebastião como centro de difusão no Brasil (1946), que descreveram o modo de vida e técnicas de pesca utilizadas pelos pescadores-caiçaras do litoral do estado de São Paulo.

O fato de serem trabalhos de pesquisadores solitários não diminui o peso e a importância que tiveram. E o caso da Mussolini, por exemplo, ou como nos revela Ciacchi (2007: 182):

é referência fundamental para os estudos brasileiros sobre pesca, cultura e organização social de comunidades litorâneas, em geral, e populações caiçaras do litoral de São Paulo, em particular. O subcampo disciplinar da antropologia da pesca tem no nome de Gioconda Mussolini uma espécie de “mãe fundadora”. Suas pesquisas de campo ainda orientam os estudos de muitos pesquisadores contemporâneos.

Não é demais salientar que temos em Mussolini uma concreta contribuição teórica, metodológica e epistemológica. A

sua produção está diretamente ligada aos “aspectos da cultura e da organização social dos pescadores e das populações caiçaras do litoral norte de São Paulo, e há alguns textos que, mais indiretamente, se referem à mesma região, embora não abordem expressamente ou exclusivamente o trabalho da pesca”, conforme nos esclarece Ciacchi (2007: 183). A sua importância é inversamente proporcional ao desconhecimento que impera nos trabalhos de pós-graduação das ciências sociais do mar. É raro observar pesquisas que se preocupem com o que foi dito pela autora há 50 anos atrás.

É mister comentar que é nessa primeira fase que há as contribuições de geógrafos humanos, que ao longo das suas preocupações descreviam os variados aspectos da distribuição e formas de vida dos pescadores entre o Sudeste e o Sul do país. Diegues (1999: 363) sublinha o trabalho *Agricultores e pescadores portugueses na cidade do Rio de Janeiro*, de Brito Soeiro, de 1960, na sua análise sobre a “introdução da pesca de linha de fundo com caíques, introduzida pelos pescadores portugueses provenientes da Póvoa do Varzim”, como uma marca dessa fase. É também expressão dessa fase de trabalho o estudo sistemático sobre a pesca da jangada no Nordeste e as comunidades de jangadeiros, do folclorista Luís da Câmara Cascudo, em Jangadeiros, de 1957. Ainda podemos falar do livro, de 1946, *Contos tradicionais do Brasil*, em que o autor comenta sobre a vida dos pescadores artesanais.

Nos contos: “O marido da mãe-d’água”; “A aranha-caranguejeira e o Quibungo”; “Vivo Deus e ninguém mais”; “Felicidade e sorte”; e “Toca por pauta”, Cascudo (1946) descreve o modo e as histórias envolvendo a pesca e os pescadores nordestinos.

Na fase que estamos a classificar como de intensidade razoável, os trabalhos começam a ser revestidos de uma carga mais aguda de cientificidade. A atividade pesqueira e os desarranjos comunitários e pesqueiros são tratados dentro da lógica da sociabilidade capitalista e os conflitos entre pesca artesanal e empresarial passam a ser reconhecidos pelo

mundo dos pesquisadores. Como marca dessa fase temos o trabalho do sociólogo Fernando Mourão, de 1971, *Os pescadores do litoral sul do estado de São Paulo*. Outro trabalho que faz parte deste período é o de Antonio Carlos Diegues, *Pesca e marginalização no litoral paulista*, de 1973.³

Por fim, na fase de intensidade considerável, os trabalhos começam a ser mais complexos e com uma preocupação metodológica mais marcante. O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia foi fundado em 1952, mas em 1976 é fundado o Programa de Pós-Graduação em Biologia de Água Doce e Pesca Interior, com curso de mestrado e, em 1984, instituiu-se o curso de doutorado. Já havia por parte desse programa uma preocupação com o que acontecia acerca das pescas realizadas no interior das águas do estado amazônico. Nesse período surgem, também, outros institutos que discorrem sobre a pesca, ainda que não sejam centros de pesquisa sobre a atividade pesqueira tradicional. São pesquisas voltadas ao mundo da arqueologia, e a pesca aparece enquanto atividade jungida às práticas sambaquianas. Nessa conjuntura, podemos destacar o Instituto de Arqueologia do Brasil (IAB),⁴ fundado em 1961, e o Instituto Superior de Cultura Brasileira.

À luz dos antagonismos sociais cada vez mais dramáticos dos anos de 1980, destacam-se trabalhos cujos horizontes são as mudanças sociais produzidas por tais processos. São notáveis os trabalhos de sociólogos como Mourão (que já começara em 1971) e Diegues (1973). Ou ainda os trabalhos sob o guarda-chuva institucional do Museu

Paraense Emílio Goeldi⁵ do Norte do país. É preciso destacar a fundação de algumas instituições de pesquisa que paulatinamente vão criando centros de pesquisas sobre a cultura marítima e enriquecendo os trabalhos científicos sobre pesca artesanal. Podemos evidenciar o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),⁶ criado em 1968. Os trabalhos advindos do Centro de Estudos Marítimos da Universidade de São Paulo (USP)⁷ engrossam os trabalhos sobre a pesca artesanal. Já nos anos de 1980, os importantes *Encontros de Ciências Sociais e o Mar*⁸ produziram duas coletâneas de trabalhos que marcaram a década. Foram realizados

5 A instalação do Museu Paraense Emílio Goeldi é importante para a produção científica do Norte do país. Inaugurado em 1871 como Museu do Pará, e em 1900 com o atual nome, o Museu se tornou um centro de pesquisa sobre a pesca em meados do século XX. Segundo Considera (2011), a criação do Museu Emílio Goeldi, do Museu Paulista, em 1893, e do Museu Real, que mais tarde se tornou o Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1818, tiveram grande influência do pensamento ilustrado da época. Conforme relata a autora: “estes três museus, representativos do pensamento de uma época, e ao mesmo tempo absorvendo características locais, preocupações e funções inerentes aos contextos regionais, durante o final do século XIX e início do século XX, representaram a produção do conhecimento científico e desenvolveram processos museológicos específicos, adaptando modelos internacionais à realidade nacional” (2011: 1).

6 Marcam esse período a dissertação de mestrado do professor Roberto Kant de Lima, *Pescadores de Itaipu: a pescaria da tainha e a produção ritual da identidade social*, de 1978, e a do antropólogo Luiz Fernando Duarte, *As redes do suor*, de 1978, ambas do PPGAS do Museu Nacional da UFRJ.

7 Podemos falar da dissertação de mestrado do professor Antonio Carlos Sant’Ana Diegues, *Pesca e marginalização no litoral paulista*, de 1973, no Centro de Cultura Marítimas da USP.

8 O primeiro encontro se realizou em Brasília, de 11 a 14 de agosto de 1986, e não houve coletânea de trabalhos, mas teve como objetivos: “a) intercambiar conhecimentos e resultados de pesquisa entre os cientistas sociais ligados ao mar; b) avaliar o estado atual de conhecimentos e as lacunas existentes; c) propor temas novos para novas pesquisas; d) criar mecanismos que garantam o contato frequente entre os pesquisadores e instituições pelo país; e) sugerir medidas e modalidades de fomento à pesquisa de ciências sociais aplicadas ao mar” (Cemar 1986).

3 O leitor poderá encontrar mais referência alusiva a esse período no trabalho de Diegues (1999) “A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil”.

4 O IAB é “uma instituição privada de caráter científico-cultural, sem fins lucrativos, que tem por missão a dedicação integral à pesquisa, ensino e divulgação da arqueologia brasileira”, conforme descreve a própria instituição (IAB 2014).

trabalhos pela Comissão Interministerial para os Recursos do Mar por intermédio de sua secretaria e coordenado pelo professor Antonio Carlos Diegues, na época secretário do Meio Ambiente de São Paulo, que promoveu o *Seminário Ciências Sociais e o Mar no Brasil*, com o objetivo de reunir pela primeira vez pesquisadores de ciências sociais que trabalhavam em pesquisa e/ou ensino na área das relações entre o homem e os ecossistemas. O segundo *Encontro de Ciências Sociais*, realizado em julho de 1988, teve como tema as ciências sociais e o mar no Brasil. Foram 22 trabalhos de diversas áreas de conhecimento humano das várias universidades federais brasileiras tendo como temas a ecologia humana, a antropologia, a sociologia, a linguística, a economia e a biologia. Esses trabalhos já começaram a expressar uma preocupação que em seguida se reiterou, qual seja, os problemas advindos das atividades industriais fomentadas pelas políticas da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (Sudepe). O terceiro Encontro deu-se em 1989, de 3 a 5 de abril, tendo como tema “Pesca artesanal: tradição e modernidade”. Foram 31 trabalhos

de mais de 170 pesquisadores de todo o litoral brasileiro que versaram sobre os problemas decorrentes entre tradição e modernidade na pesca artesanal.

O Quadro 1 apresenta o panorama histórico das pesquisas nas universidades brasileiras, em uma tentativa de classificar o processo de crescimento das pesquisas e a institucionalização do mundo pesqueiro. Terminaremos a exposição do quadro histórico no fim da década de 1980 por um recorte analítico, isto é, a instalação do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis, que representou o fim da época sudepiana e aprofundou a crise institucional que culminou com a criação do Secretaria de Aquicultura e Pesca em 2003. Como o nosso objetivo é evidenciar a nascente produção bibliográfica, não ultrapassaremos a fronteira do século XX. É oportuno reiterar que o busílis desse quadro bibliográfico é senão demonstrar o fortalecimento das instituições de pesquisas técnicas e científicas no mesmo momento em que se processa a complexificação das condições de existência dos pescadores artesanais no Brasil.

Ano	Instituição	Autor	Obra	Área	Contexto
1933	IHGP ¹	Henrique Jorge Hurlley	<i>No domínio das águas: história da pesca no Pará</i> (livro dos pescadores paraenses)	História	Segundo Guimarães (2012: 70), “os trabalhos publicados na Revista do IHGP consistiram nos esforços desses sujeitos históricos em enquadrar a história local e/ou regional no contexto nacional e até internacional, como uma forma de inserir a Amazônia à lógica de ‘progresso’ e ‘civilização’ tão debatida no início do século XX”. Nesse sentido, os trabalhos do Jorge Hurlley foram importantes para a implantação das colônias de pescadores sob a tutela do comandante Frederico Villar.
1945		Elza Coelho de Souza	“Pescadores do litoral do Sul” “Restinga”		
1948		José V. da Costa Pereira	“Pesca do piratucu” “O pescador de tarrafa”		
1949		Carlos Pedrosa	“Viveiros de peixes do Recife”		
1950		Lysia Maria C. Bernardes e Nilo Bernardes	“A pesca no litoral do Rio de Janeiro”	Etnografia	Segundo Evangelista (2012: s. p.), o “Conselho Nacional de Geografia (CNG) foi criado enquanto expressão do caráter estratégico da geografia ao tempo do Estado Novo”. Tratou-se de um conselho em uma época importante da história do Brasil, em que os pesquisadores encontravam nesse espaço e no IBGE lugares para as suas perquirições. Na referida revista, encontramos uma miríade de trabalhos sobre pesca artesanal. É verdade que os trabalhos eram de caráter descritivo e muitas vezes só apresentavam dados da pesca ao longo do Brasil. Contudo, evidencia a nascente preocupação com a população litorânea brasileira e os complexos caminhos que trilhariam depois da segunda metade do século XX.
1951		Nelson Werneck Sodré	“O espia” “Costeiras” Pesquisa sobre a pesca de Curral na Ilha do Curupú		
1954	Revista Brasileira de Geografia vinculada ao IBGE	José Sarney Costa	“Tipos de pesca no Nordeste: a moita” “Contribuição ao estudo da pesca na região do Rio Arari (Ilha De Marajó)”	Geografia	É importante observar que a organização dos trabalhos na Revista estava disposta da seguinte forma: (1) artigos, (2) vultos da geografia do Brasil, (3) comentário, (4) tipos e aspectos do Brasil e (5) noticiário. A nossa pesquisa alcançou 12 trabalhos, durante quase 25 anos de publicação, dispostos da seguinte maneira: cinco trabalhos publicados na seção “Artigos”. Essa seção portava trabalhos mais alongados e que trouxessem uma discussão pormenorizada sobre a temática. Os trabalhos de Maria M. V. Pinto, Lysia M. C. Bernardes, Myriam G. C. Mesquita e Lysia M. C. Bernardes com Nilo Bernardes inserem-se nesse item. Já os trabalhos de Elza C. de Souza, José V. C. Pereira, Carlos Pedrosa, Nelson W. Sodré e Francisco B. Leite foram publicados na seção “Tipos e aspectos do Brasil”. O objetivo dessa seção era trazer trabalhos que falassem da forma de expressão do povo marítimo brasileiro, seus aspectos e características. Por último tivemos um trabalho, de Elza C. de Souza, publicado na seção “Comentários”, cujo objetivo era fazer relatos gerais.
1958		Lysia Maria Cavalcanti Bernardes	“Aspectos da contribuição de portugueses e espanhóis para o desenvolvimento da pesca na Guanabara”	História	
1961		Myriam Gomes Coelho Mesquita	“Caiaças do Rio Grande do Norte”	Etnografia	
1965		Ernesto de Mello Salles Cunha	“Sambaquis do litoral carioca”	Arqueologia	

Ano	Instituição	Autor	Obra	Área	Contexto
1961	Faculdade Catarinense de Filosofia e Departamento de Geografia e Cartografia de Santa Catarina	Paulo Fernando de Araújo Lago	“Contribuição geográfica ao estudo da pesca no litoral de Santa Catarina” ²	Geografia	A Faculdade Catarinense de Filosofia teve os seus primeiros trabalhos em 1951, dadas as mobilizações da Faculdade de Direito e dos jesuítas, do tradicional Ginásio Catarinense. A Faculdade, que era juridicamente estadual, foi federalizada na década de 1960 quando a Universidade Federal de Santa Catarina começou a se estruturar no estado. Já o Departamento de Geografia e Cartografia de Santa Catarina foi fundado por Victor A. Peluso Júnior e se constituiu em um importante departamento de estudo e pesquisa.
1960	Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj)	Clóvis Cavalcanti	“Mercado de pescado do Grande Recife”		
1990		Lins Kater	“As pescadeiras de crustáceos dos municípios de Igarassú e Itapissuma”	Economia	De acordo com o site da própria Fundação, em 1948 Gilberto Freyre defende, em discurso na Câmara dos Deputados, a criação de um instituto de pesquisas com o nome de Joaquim Nabuco, argumentando que a homenagem acrescentaria “ao efêmero e ao convencional das cerimônias simplesmente festivas e acadêmicas do centenário do grande brasileiro, alguma coisa de duradouro e fora das convenções” (apud Fundaj 2009: 19). Um ano depois, o Diário de Pernambuco publicou matéria expressando “um voto de louvor e de confiança ao instituto prestes a nascer: ‘com o Instituto Joaquim Nabuco volta o Recife ao antigo esplendor de Centro de Renovação Social e Intelectual do Brasil’”. (Juca 1991 apud Verardi 2018).
1992		Maria das Graças	“Valorização da pesca artesanal: subsídios para a melhoria das condições da pesca artesanal – o caso Gaibu”		A Fundaj foi criada em 21 de julho de 1949, ainda com nome de “Instituto Joaquim Nabuco”, na cidade de Recife, sob a Lei nº 770, dedicando-se ao estudo sociológico das condições de vida do trabalhador brasileiro.
		Pedro Castelo Branco Silveira	“Reservas extrativistas e pesca artesanal: etnografia do campo socioambiental em Pernambuco”		A Fundação se consolidou como um importante espaço de produção de pesquisa em áreas como: (1) estudos educacionais, (2) estudos econômicos e populacionais, (3) estudos ambientais e da Amazônia, (4) estudos sociais e culturais, e (5) estudos de ciência e tecnologia.

Ano	Instituição	Autor	Obra	Área	Contexto
1968	Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará	José Maria Adonai Pinheiro Rocha	“Breve estudo econômico sobre os principais municípios paraenses produtores de pescados”	Economia	O Instituto é caudatário de duas outras instituições do Pará que, na década de 1960, já produziam trabalhos sobre a realidade rural e marinha do Pará. São elas: a Companhia de Desenvolvimento Econômico do Pará e o Conselho de Política de Desenvolvimento Econômico do Pará. Os institutos tinham como missão realizar estudos, pesquisas, projetos e análises demandados pelo governo e disponibilizados para a sociedade, como observaremos nos trabalhos que seguem.
1969		Roberto Santos	“A pesca no Pará”		
1969		Rosyan Caldas Britto et al.	“Breve informação sobre a pesca no Pará”	Planejamento	
1977		Heraldo Maués	<i>A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade pesqueira Trabalhadeiras e camaradas: um estudo sobre o status da mulher numa comunidade de pescadores</i>		
1977	Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília	Maria Angélica Motra Maués	<i>Um estudo de tomada de decisão (decision making) na Pesca Artesanal: em Icarai (Ceará)</i>	Antropologia	O histórico setor de antropologia foi fundado em 1962 pelo professor Eduardo Galvão, mesmo ano de fundação da Universidade de Brasília. Tornou-se um importante centro de pesquisas sobre etnologia e linguística. O professor Heraldo Maués estava vinculado à Universidade Federal do Pará, mas a pesquisa de mestrado, ora analisada, foi defendida no setor de antropologia da Universidade de Brasília.
1974		Maria da Graça de Pinho Tavares			

Ano	Instituição	Autor	Obra	Área	Contexto
1978			“Aspectos históricos e econômicos de Marapanim (Nordeste Paraense)”		
1980			<i>Curralistas e redeiros de Mamã: pescadores do litoral do Pará</i>		
1981	Museu Paraense Emílio Goeldi	Lourdes Gonçalves Furtado	“Pesca artesanal: um delineamento de sua história no Pará” “Os caboclos pescadores do Baixo Rio Amazonas e o processo de mudança social e econômica” “Formas de aviação num povo Adu pesqueiro da Amazônia” “Pescadores, geleiros, fazendeiros: os conflitos da pesca em Cachoeira do Arari”	Antropologia	O Museu Paraense Emílio Goeldi foi fundado no agitado último quartel do século XIX, período no qual o estado paraense passava por profundas transformações políticas culturais, sociais e econômicas. Se em 1861 as expedições de naturalistas europeus influenciaram o governo local para criar um Museu, 10 anos depois, em 25 de março de 1871, o Museu foi instalado oficialmente pelo governo do estado, e foi nomeado Domingos Soares Ferreira Penna como seu primeiro diretor. O Museu já na virada do século XIX mostrava-se comprometido com as pesquisas geográficas, geológicas, climatológicas, agrícolas, faunísticas, florísticas, arqueológicas, etnológicas e museológicas. Podemos dizer que na década de 1960, com a direção de Eduardo Galvão, houve uma alteração no quadro de produção de trabalhos científicos de antropologia social, surgindo novos pesquisadores e aparecendo trabalhos no âmbito das populações ribeirinhas, marítimas etc.
1979	Universidade Federal de Pernambuco	Maria Eunice Soares Penner	<i>A dialética da atividade pesqueira no Nordeste Amazônico</i>	Sociologia	

Ano	Instituição	Autor	Obra	Área	Contexto
1978	Curso de mestrado em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais	Alex Fríza de Melo	<i>A pesca sob o capital: a tecnologia a serviço da dominação</i>	Ciência política	O curso de mestrado em ciência política da Universidade Federal de Minas Gerais é o mais antigo do Brasil, datando de 1966. A dissertação de Alex Melo foi produzida em 1981 e é um dos marcos da área.
1988	Programa de Pesquisa e Conservação de áreas Úmidas do Brasil do Instituto Paulista de Oceanografia	Antonio Carlos Diegues Renato José Rivaben de Sales	“Formas de organização da produção pesqueira no Brasil: alguns aspectos metodológicos” “Aspectos da pesca artesanal na região lagunar de Iguape-Cananéia”	Sociologia	O atual Instituto Oceanográfico da USP foi fundado em 1946 como Instituto Paulista de Oceanografia. Em 1951, mudou para seu nome atual, quando foi incorporado à USP. “Na época de fundação, os objetivos de seus idealizadores apontavam para a necessidade de uma instituição que fornecesse bases científicas à pesca e, numa concepção mais ampla, à exploração de todos os recursos disponíveis ao longo do litoral paulista”, conforme apresenta o site do Instituto (IO [20-]).
1988	Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Tânia Elias Magno da Silva Lucia Helena de Oliveira Cunha	<i>Nas beiradas de maré: um estudo do professor leigo em comunidades camponesas pobres</i> <i>Entre o mar e a terra: tempo e espaço da pesca em Barra da Lagoa</i>	Antropologia	O Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo foi criado em 1973, e em 1982 foi criado o doutorado.
S. d.	Departamento de Ecologia da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp)	Miguel Perrere Jr.	“Utilização de recursos aquáticos e tecnologia entre pescadores do Médio Tocantins (GO e MA)”		Curso de graduação em ecologia do Instituto de Biociências da Unesp, Rio Claro/SP. Foi implantado em 1976, tendo sido o pioneiro no Brasil. O campus da Unesp de Rio Claro retine diferentes áreas do conhecimento, como ciências biológicas, geológicas, exatas e humanas, o que é muito favorável para a formação do profissional ecólogo, uma vez que as questões ambientais, por sua grande complexidade, requerem uma abordagem multi e interdisciplinar.

Ano	Instituição	Autor	Obra	Área	Contexto
1945	Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP	Gioconda Mussolini	“O cêrco da tainha na Ilha de São Sebastião”	Sociologia	Nasceu com a USP e, até certo momento de sua história, com ela se confundiu. Por meio dessa faculdade, a USP adquiriu uma dimensão peculiar que a distinguiu das demais universidades brasileiras. Sua fundação se deu em 25 de janeiro de 1934. Organismo de articulação e reflexão, a Faculdade assumiu estrategicamente o significado de lugar em que o conhecimento pode ser elaborado sob uma perspectiva de unificação dos interesses sociais. O primeiro trabalho de Mourão (1971) diz respeito a sua pesquisa de doutorado pela USP.
1971		Fernando Augusto Albuquerque Mourão	<i>População do litoral sul do estado de São Paulo: um estudo de sociologia diferencial</i>		
S/D	Instituto de Biologia, Departamento de Ecologia da UFRJ	Edna M. Machado Guimarães	<i>Impacto da urbanização sobre comunidades pesqueiras artesanais do município de Maricá</i>	Ecologia	O Instituto de Biologia é uma unidade de ensino, pesquisa e extensão da UFRJ, criado em 1968, sucessor do então Departamento de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia.
S/D	Departamento de Oceanografia Biológica da Universidade Federal do Rio Grande (Furg)	Julio Cesar Ruan da Silva e A. M. Orlando	“Aspectos da pesca do camarão no Estuário da Lagoa dos Patos, RS”	Sociologia	Em 1979, a Furg já possuía um corpo docente de alto nível, justificando a criação do Programa de Pós-Graduação em Oceanografia Biológica (nível mestrado). A Furg foi fundada em 20 de agosto de 1969.
1988	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ	Gláucia Oliveira da Silva Edla Vianna da Silva	<i>Tudo que tem na terra tem no mar: a classificação dos seres vivos entre os trabalhadores da pesca em Piratininga, RJ</i> “Estudo de um campo semântico de linguagem do pescador norte-fluminense”	Sociologia Antropologia	Carregando o título de ser o primeiro curso de pós-graduação em antropologia social do país, criado em 1968, o Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional da UFRJ, sempre teve a preocupação de articular pesquisa e ensino, produzindo conhecimento original acerca da realidade sociocultural e formando ao mesmo tempo.

Ano	Instituição	Autor	Obra	Área	Contexto
1988	Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras	Francisco Borba Ribeiro Neto	“Estudo das formas de sobrevivência de populações tradicionais em áreas úmidas altamente degradadas: o caso de Cubatão”	Ciências sociais	Centro interdisciplinar de pesquisa ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, foi criado em 1988 (inicialmente um programa de pesquisa) para estudar as relações entre populações humanas e áreas periodicamente inundáveis do Brasil.
1976	Museu Paulista	Lina M. Kneip	“Sambaqui do Forte: identificação espacial das atividades humanas e suas implicações (Cabo Frio, RJ – Brasil)”	Arqueologia	Criado em 1893, no período republicano, e com grande influência do pensamento ilustrado, o Museu Paulista tornou-se um marco na transformação do conceito de museu, de museologia e de processos museológicos, que culminaram com a criação do curso de museologia em 1932. Mesmo atuando na temática museológica, não podemos desconsiderar os trabalhos envolvendo os pescadores e coletores que marcaram a vida desse museu.
1977			<i>Pescadores e coletores pré-históricos do litoral de Cabo Frio, RJ</i>		

Quadro 1. Evolução das instituições de pesquisa e de trabalhos científicos sobre pesca no Brasil no século XX.

Fonte: elaboração própria.

Considerações finais

A partir do que expusemos no Quadro 1, fica patente que até o final da década de 1980 o cenário não muda: não há grandes instituições que trabalhem com o tema da pesca artesanal. As produções foram engendradas em poucas universidades e em departamentos de pesquisa de antropologia, na sua maioria. Foi possível perceber que boa parte das análises, nas duas primeiras fases sublinhadas, tratavam da temática dos pescadores de forma secundária, ou seja, a preocupação era com os povos vulneráveis e, nesse contexto, surgiam os pescadores. É necessário enfatizar que até a segunda metade do século XX não havia o conceito de pescador artesanal tal qual nós apreçoamos atualmente, razão pela qual era possível falar de pescador artesanal sem se debruçar sobre os problemas especificamente das práticas artesanais. As análises sociológicas sobre a pesca artesanal versus pesca industrial, portanto, sobre o conflito entre as duas formas de produção, surgem no fim do século e vêm se tornando mais robustas no século XXI.

A produção científica pesqueira atual tem apresentado um vigor analítico considerável e

uma importante retomada de estudos críticos sobre as formas de lutas emancipatórias e a participação democrática dos pescadores artesanais. Em boa verdade, esse vigor mostra-se presente no continente latinoamericano. É expressão desse vigor os trabalhos realizados no Chile, especialmente os que envolvem a relação dos pescadores artesanais originais e as indústrias de salmão. Também é notório os trabalhos envolvendo os problemas decorrentes do marco regulatório da pesca artesanal, com o seu sistema de cotas. Na Colômbia, México e Equador, os trabalhos também apresentam uma força relevante, a marcar um horizonte concreto de lutas sociais por parte dos povos originais da América Latina.

No Brasil, não só a temática ora em análise se ossificou enquanto uma área das ciências sociais, como a institucionalização da pesca artesanal ficou marcada com a criação da Secretaria de Aquicultura e Pesca, em 2003, e do Ministério da Pesca e Aquicultura, em 2009. Também é marca desse crescimento os grupos e núcleos de pesquisa, a abertura de grupos de trabalho em eventos nacionais e internacionais etc.

SILVEIRA, D.J. On Brazilian fishing bibliography (1930 to 1980): themes, authors and their worries. *R. Museu Arq. Etn.* 30 161-174, 2018.

Abstract: This article will mainly focus on the growth of Brazilian bibliographic production in the 20th century, the first issues, the most relevant authors and their concerns about the world of artisanal fisheries. We start from the assumption that the sharpening of contradictions in the fishing world produced a form of awareness that resulted in scientific and critical work on artisanal fishermen. In that same context, the growth of institutions and research centers in the late 20th century is noteworthy. We carried out a historical literature research on the annals and records of institutes and universities, and on occasional productions of the period. We could observe that during the first half of the century many of the analyses dealt with fishermen secondarily, that is, the concern lied on vulnerable people and, in that context, the fishermen were approached.

Keywords: Artisanal fishermen; Bibliographic production; Social struggles; Emancipation; Politics.

Referências bibliográfica

- Cascudo, L.C. 1946. *Contos tradicionais do Brasil*. América Ed., Rio de Janeiro.
- Cemar – Centro de Culturas Marítimas. 1º Encontro de Ciências Sociais e o Mar, 1986, Brasília.
- Ciacchi, A. 2007. Gioconda Mussolini: uma travessia bibliográfica. *Revista de Antropologia* 50: 182223. Disponível em: <<http://bit.ly/2GA9oGN>>. Acesso em: 29/07/2019. DOI: 10.1590/S0034-77012007000100005.
- Considera, A.F. 2011. Museus de história natural no Brasil (1818-1932): uma revisão bibliográfica. In: *Anais do 26º Simpósio Nacional de História*, 2011, São Paulo. Disponível em: <<http://bit.ly/2GB5Y6w>>. Acesso em: 29/07/2019.
- Diegues, A.C. 1973. *Pesca e marginalização no litoral paulista*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Diegues, A.C. 1999. A sócio-anthropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Etnográfica* 3: 361375. Disponível em: <<http://bit.ly/32XTUpF>>. Acesso em: 29/07/2019.
- Duarte, L.F.D. 1978. *As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção de pescado em Jurujuba*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- IAB – Instituto de Arqueologia Brasileira. 2014. *Quem somos*. Disponível em: <<http://bit.ly/2SMut5L>>. Acesso em: 29/07/2019.
- Evangelista, H.A. 2012. Conselho Nacional de Geografia. *Revista geo-paisagem* 11: s. p. Disponível em: <<http://bit.ly/32X8hum>>. Acesso em: 29/07/2019.
- Freyre, G. 1933. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Maia & Schmidt, Rio de Janeiro.
- Freyre, G. 1936. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcalismo rural no Brasil*. Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- Fundaj – Fundação Joaquim Nabuco. 2009. *Discurso do deputado Gilberto Freyre apresentando o projeto de criação do Instituto Joaquim Nabuco, no dia 2 de agosto de 1948*. Disponível em: <<http://bit.ly/2SUOneY>>. Acesso em: 29/07/2019.
- Guimarães, I.V.P.F. 2012. Amazônia no domínio das águas: Hurley e a revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1917-1938). *Revista de História Regional* 17: 6688. Disponível em: <<http://bit.ly/2yjP7AD>>. Acesso em: 29/07/2019. DOI: 10.5212/Rev.Hist.Reg.v.17i1.0003.
- IO – Instituto Oceanográfico. [20--]. *Histórico*. Disponível em: <<http://bit.ly/2Yb9OOP>>. Acesso em: 29/07/2019.
- Lima, R.K. 1978. *Pescadores de Itaipu: a pescaria da tainha e a produção ritual da identidade social*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Mourão, F.A.A. 1971. *Os pescadores do litoral sul do estado de São Paulo*. Disponível em: <<http://bit.ly/2YvzPmY>>. Acesso em: 29/07/2019.
- Verardi, C. 2018. *Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj): uma “Casa” de pesquisa, educação e cultura*. Disponível em: <<http://bit.ly/2K2hytO>>. Acesso em: 29/07/2019.
- Viana, O. 2005. *Populações meridionais do Brasil*. Senado Federal, Brasília. Disponível em: <<http://bit.ly/330prY4>>. Acesso em: 29/07/2019.